Curso Prático de Teologia Bíblica

Professor Francisco Lacueva Lafarga

Título original: Curso Práctico de Teología Biblica
Publicado por © 1998 por **Editorial CLIE**.

Este documento foi
traduzido com a permissão
de *Editorial CLIE, (www.clie.es)*
Barcelona.

Curso Prático de Teologia Bíblica

Traduzido por Ariel A. Bordones Collado

SUMÁRIO

Introdução.....9

Parte I - Deus Criador

Lição 1 Possibilidade do conhecimento de Deus 15
Lição 2 Nomes bíblicos de Deus 23
Lição 3 História da doutrina sobre a Trindade 31
Lição 4 Análise do mistério trinitário.....37
Lição 5 Análise das porções bíblicas trinitárias 47
Lição 6 Nossa comunhão no ministério trinitário.....57

INTRODUÇÃO GERAL DO CURSO DE TEOLOGIA BÍBLICA

Este CURSO PRÁTICO DE TEOLOGIA BÍBLICA está destinado a servir como guia para o CURSO DE FORMAÇÃO TEOLOGIA EVANGÉLICA, publicado faz tempo por CLIE, e que teve uma boa aceitação. Especialmente serve de guia, de complemento e de atualização dos volumes II (*Un Dios en Tres Personas*), IV (*La Persona y la Obra de Jesus Cristo*) e V (*Doctrinas de la Gracia*).

Este CURSO por sua vez contempla elementos devocionais, mas, além disso, quis acrescentar em cada uma das suas três PARTES um questionário ao final de cada uma das lições. O questionário tem como objetivo *fazer pensar*, mais do que escrever respostas mais ou menos corretas. As perguntas podem ser úteis também para estudos semanais (ou mais frequentes), tanto no nível de toda a congregação, como em grupos e na Escola Bíblica *quase em todos os níveis.*

Os leitores podem contribuir sugerindo novas perguntas. E não tenham dúvida em expressar suas opiniões, ainda que não coincidam com a do autor, porém, sempre com o intuito de ir juntos à Palavra de Deus, única normativa de fé e de conduta para uns e outros.

INTRODUÇÃO

"O Conhecimento de Deus" é o último título de um livro do teólogo inglês J.I. Packer, editado pela editora Mundo Cristão. É um livro profundo, mas muito esclarecedor e com um tom devocional que aquece o coração do leitor desde o primeiro momento da sua leitura, pelo que recomendamos a leitura do mesmo já logo no início.

O próprio Senhor Jesus Cristo disse ao Pai (ver Jo. 17.3): "E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste". E todo crente cristão que tenha convicção de ser, deve colocar todo seu esforço em conhecer, cada vez mais e melhor, de uma maneira íntima, cordial e experimental, a esse Deus que, sem mérito algum da nossa parte, teve por bem, *desde toda a eternidade,* nos escolher em Cristo para que fossemos santos e predestinados a ser adotados por filhos e herdeiros seus, e sermos feitos semelhantes à imagem do seu Filho; e, uma vez nascidos, fez efetivo seu chamamento eterno e, mediante a redenção alcançada pelo seu Filho, e o selamento pessoal do seu Espírito, nos justificou e glorificou e nos santifica a cada dia na medida em que deixamos o seu Espirito Santo nos guiar.

Vamos propor agora um tipo de axioma que repetiremos em mais de uma oportunidade neste Curso: *Tudo o que nos afeta pessoalmente em nosso relacionamento de criaturas com o nosso Feitor, tanto no plano natural como no sobrenatural, é planejado pelo Pai, executado pelo Filho e aplicado pelo Espirito Santo.* Tendo isto em consideração, dividimos este Curso em três partes, uma para cada Pessoa da Trina Deidade. Se dito axioma não é levado em consideração ou não é bem compreendido, se abre a possibilidade de cometer graves erros doutrinais e práticos.

O fato de estar tratando de coisas espirituais e práticas para a vida cotidiana do crente não significa que tenhamos omitido o seguimento de um método que nos dê garantia, dentro do possível, ser totalmente fieis ao que nos ensina a Palavra de Deus, sem dar crédito às tradições humanas nem as lucubrações de uma filosofia, de qualquer tipo. Conforme nos foi ensinado no SETECA de Guatemala pelo professor Norman Geisler, então catedrático de apologética no Seminário Teológico de Dallas, uma correta metodologia bíblica deve contemplar as seguintes etapas:

1. *Indução.* Consiste em tomar os necessários dados revelados, analisá-los cuidadosamente. Tendo em consideração o contexto próximo, assim como o remoto (o teor geral das Escrituras sobre a matéria que se estuda). É necessário aqui fazer uso de uma correta hermenêutica.

2. *Dedução.* Uma vez analisados os elementos que nos provê a palavra de Deus, em atitude de oração, fé e humildade, tentar obter um conjunto sólido de doutrina, mediante as conclusões que são derivadas dos dados revelados. Não esqueçamos que a nossa mente é renovada (Rm. 12.2), não para deixar de pensar, senão para começar a pensar de maneira correta segundo Deus (a mente de Cristo!)

3. *Sistematização.* Os resultados obtidos mediante a dedução são classificados agora, segundo o tema que nos ocupe, para formar o material o mais completo possível de verdades doutrinais e práticas. Esta sistematização não danifica em nada a pureza da palavra de Deus, pois consiste somente em apresentar de maneira temática e ordenada os dados que são contemplados na Bíblia.

4. *Retrodução.* Depois de finalizada a sistematização, todo teólogo sincero e sem preconceitos de "escolas" deve contrastar seu "sistema" com os dados revelados que, na primeira etapa, achou mediante *indução.* Assim perceberá se seus estudos têm sido bem encaminhados ou se, pelo contrário, nalgum ponto tem se desviado do revelado por Deus nas Sagradas Escrituras.

Para finalizar esta Introdução, vamos fazer uma declaração de fé que nos guiará com segurança durante todo este Curso: *Cremos firmemente e com total segurança que o único método correto de interpretação da Bíblia é aquele que está fundamentado no sentido* ***literal****,* isto é, o que as Escrituras expressam conforme as regras gramaticais comuns, mediante suas diferentes figuras de dicção, e dentro do contexto histórico e geográfico em que foi transmitida a revelação por Deus. Isto quer dizer que não aceitamos nenhum tipo de liberalismo bíblico nem o método da neo-ortodoxia, sustentada especialmente por Karl Barth (1886-1968), segundo quem a Bíblia não é a palavra infalível de Deus, senão o instrumento falível pelo qual Deus se revela a si mesmo em Cristo, a fim de que possamos ter um encontro pessoal com o Salvador. O perigo da neo-ortodoxia está precisamente na parte da verdade que contempla.

Aproveito a oportunidade para registrar outro axioma muito importante: *Meias verdades são as piores mentiras,* porque a mente humana só cai no erro quando o mesmo se encontra oculto sob a máscara da verdade.

Parte I

DEUS CRIADOR

LIÇÃO 1

Possibilidade do Conhecimento de Deus

Davi começa o Salmo 19 dizendo: "Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos". No mesmo sentido, o apóstolo Paulo escreve em Romanos 1.19-20 sobre o castigo que espera a aqueles que "detêm a verdade pela injustiça": "porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso indesculpáveis". Paulo apresentou um testemunho similar na sua passagem por Listra (ver Atos 14.15-17). Por outro lado, lemos em Hebreus 11.3: "Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem". É necessário ter uma atitude de fé para admitir o próprio fato da criação do universo. Esta atitude de fé é possibilitada pela universalidade duma iluminação sobrenatural, especialmente eficaz desde o momento em que foi manifestada ao mundo, "a saber, a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem" (João 1.9; veja também João 8.12; 9.5).

Porém, grande parte da humanidade, por obra de atividade satânica, resiste à verdade de Deus, à graça e ao perdão e se enrijece em sua atitude de incredulidade (João 3.19; Efésios 2.2). Há um véu sombrio sobre os olhos dos que se perdem, "nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus" (2 Co. 4.4).

A Bíblia nos oferece silogismos filosóficos para demonstrar a existência de Deus. O texto sagrado começa apresentando a Deus vivo e ativo: "No princípio, criou Deus..." (Gn. 1.1). *Toda prova racional da existência de Deus tem sua eficácia real desde uma atitude de fé.* O coração humano é, por si, tão perverso e enganoso (Jr. 17.9), que, apesar da evidência, se apega ao seu orgulho e autossuficiência e recusa se render

humildemente ante o criador (Rm. 1.21ss). Por isto é que o ateísmo em todas suas formas (cético, agnóstico, dogmático e prático) nunca é fruto espontâneo da mente humana, tanto educada como inculta, senão que é sempre um fenômeno reativo, ou seja, de uma reação contra Deus, ainda quando esta reação contra Deus seja, em muitos casos, subsequente.

Em efeito, os argumentos do ateísmo contra a existência de Deus carecem de toda base científica. Estes argumentos se reduzem a dois:

1°. Deus não é necessário. A ciência moderna pode explica-lo tudo, sem recorrer à existência de um Ser Supremo, invisível e extramundano.

2°. A existência de tanto mal no mundo é incompatível com a existência de um Deus que, ou não é tão bom e justo para evitar tanta desgraça, ou não é suficientemente sábio e poderoso para guiar e controlar o curso do universo, especialmente da humanidade.

Ao segundo destes argumentos responderemos na lição 13. Sobre a onipotência de Deus.

Contra o primeiro, responderemos o seguinte:

A) Tanto na organização do universo, como na aparição e progresso da vida e no curso da história, se percebe uma impressão de causalidade e finalidade, que só podem ser explicadas pela intervenção dum Ser Supremo, quem tudo criou, o dirige e o controla. Nem a simples casualidade nem a ciência, por si só, podem explicar adequadamente a harmonia do Universo.
B) Se não existe um Deus Pessoal, Criador e Compensador, os grandes porquês do homem ficam sem resposta: Quem sou? De onde venho? A onde vou? Não só isso. O ser humano seria vítima de uma frustração existencial, engendro abortivo de uma natureza que lhe negaria uma satisfação que concede ao paquiderme e ao inseto, ao cetáceo e ao infusório.

QUE DIREMOS DAS PROVAS RACIONAIS DA EXISTÊNCIA DE DEUS?

São quatro os principais argumentos racionais que ao longo dos séculos foram propostos para demonstrar a existência de Deus.

1. Argumento ontológico

Existe sob duas formas:

A) *A priori.* Assim o propôs o primeiro Anselmo, arcebispo de Cantuária (1033-1109): Deus é o ser mais perfeito que se pode conceber; logo têm que existir; de modo contrário, poderíamos conceber algo maior que ele, ou seja, *algo existente.* A falácia deste raciocínio é evidente, pois Anselmo dá um salto indevido da ordem lógica das ideias à ordem ontológica dos seres existentes. Descartes e Leibniz o propuseram também sob outra forma, mas com a mesma falácia.

B) *A posteori.* O famoso frade domínico Tomás de Aquino (1225-1272) compôs o que ele chamou "as cinco vias" para demonstrar por raciocínio natural à existência de Deus. Resumo assim sua "via" central: Tudo o que vemos é *contingente,* ou seja, *poderia não existir,* dado que não têm em si mesmo a razão da sua existência: por tanto, se existe, deve sua existência a outro ser; e este, a outro, e assim sucessivamente, até chegar a um ser *necessário,* que tenha em si mesmo a razão do seu existir. A este ser chamamos Deus. A esta argumentação, um cientista pode opor-se com três objeções:
(a) Como já advertiu Kant (1724-1804), tal argumento demonstraria, como muito, a existência de um ser extramundano, um tipo de arquiteto do Universo, mas não precisamente a do Deus dos cristãos.
(b) A ciência tem mostrado que o *contingente* não é a massa atómica ou a energia constante do Universo, senão as diferentes formas que a diversa composição atômica e molecular oferece a nossa percepção.

(c) O fato de que um ser possa não existir não é base para afirmar que sua existência se deva a outro ser, pois um mundo eterno em quanto a sua estrutura nuclear, ainda poderia não existir, pode também haver existido sempre sem precisar de um causante exterior, mais ainda quando está comprovado que a matéria não é inerte, senão que as partículas subatômicas estão em continuo movimento.

2. Argumento teológico

O Universo apresenta uma excelente adaptação do sujeito ao objeto, do órgão à função, dos meios aos fins, etc. Isto supõe a existência de uma inteligência anterior e superior ao mundo, que haja programado dita adaptação; de modo contrário tudo o que existe seria produto do acaso. A este argumento podem-se opor duas sérias objeções:

A) A mencionada adaptação poderia ser explicada por um processo evolutivo no qual cada ser e seu meio exterior operassem por interação mutua em progressão dialética ascendente.

B) Os dois fatores condicionantes de dita adaptação (acaso e finalidade) poderiam ser explicadas pela existência de uma causa imanente ao mundo, sem identificação possível com o Deus da Bíblia (dessa forma o explicou, entre outros, B. Spinoza-1632-1677).

3. Argumento psicológico

A consciência nos avisa de uma lei moral, comum a todos os homens, que se impõe a cada indivíduo da espécie humana como uma norma anterior e superior a ele (veja Rm. 2.14-15). Uma lei tão universal implica a existência de um Legislador Supremo, anterior e superior à espécie humana. Os fatores da psicanálise objetarão a este argumento que o que a Bíblia chama "o testemunho da nossa consciência" não é outra coisa que uma superestrutura moral imposta ao "Eu" desde fora e constituída pelo conjunto de normativas religiosas, morais e sociais que configuram a conduta do homem e pressionam desde os estratos mais profundos da nossa psicologia. É o que S. Freud (1856-1939), inventor da psicanálise, denominou "Super-Eu".

4. Argumento histórico

Os etnólogos estão de acordo em que, desde a mais remota antiguidade, e nas regiões mais distantes do mundo, o ser humano tem crido na existência de um Ser Supremo, como única explicação possível aos fenômenos da meteorologia, da fertilidade, etc. Ainda que esta crença tenha sido corrompida, na maioria dos casos, pelo politeísmo, o animismo e outras perversões, a crença na divindade tem subsistido e subsiste hoje em dia, ainda nos povos mais civilizados. Mais ainda, os investigadores modernos têm constatado, com evidencia suficiente, que o monoteísmo é cronologicamente anterior ao politeísmo e que as nações mais civilizadas foram abandonando o politeísmo para chegar ao monoteísmo passando pelo henoteismo (diferentes "deuses" protetores das respectivas nações —veja, p.ex., Js. 24.15-18; 2 Rm. 5.17). O ateu responderá a este argumento que a ideia de Deus surgiu do medo e da ignorância dos primeiros hominídeos em suas primeiras confrontações com as forças desconhecidas da natureza. Se ainda continua até os dias de hoje entre os povos mais civilizados, deve-se à persistência do *mito*, sob a forma de "arquétipos" ou símbolos ancestrais do inconsciente coletivo, como afirma C.G. Jung (1875-1961).

Isto cria um problema teológico sério, porque, se à razão humana lhe negamos o poder de perceber e demonstrar a existência de Deus, o argumento de Paulo aos Romanos 1.19-20 cai desde seus cimentos e, com ele, nossa fé na infalível palavra de Deus. Por isso, é necessário fazer uma distinção muito importante:

A) Se a razão humana é considerada *segundo sua capacidade essencial*, todo ser humano que tenha suas faculdades mentais funcionando corretamente pode ver *o eterno poder e divindade de Deus, de maneira que são indesculpáveis.*

B) Se a razão humana é considerada *segundo sua condição existencial de ser caído, alienado, desintegrado*, então, tem efeito o que escreveu Paulo em 1 Coríntios 2.14.

Concluímos este ponto com outro dos que eu denomino como "axiomas de suma importância": O conhecimento humano se dá a dois níveis, o da só razão e o da fé. Do primeiro ao segundo há um salto

qualitativo, não quantitativo, ou seja, as coisas de Deus somente podem ser percebidas quando o Espirito Santo começa a obra da conversão no coração do homem, como advertiu também o Senhor Jesus a Nicodemos (Jo. 3.3-8). Talvez a parte mais prática do axioma tenha a ver com a melhor forma de proceder de um crente na sua obrigação de dar testemunho da sua fé (ver 1 P. 3.15). Ainda que chegue a se dar o caso de que nossos conhecimentos da palavra de Deus não sejam profundos, e que nossos conhecimentos científicos e filosóficos sejam nulos, sempre poderemos dizer, como Filipe a Natanael: "vem e vê" (Jo. 1.46); e, em último caso, como disse o cego de nascimento logo de ser curado: "uma coisa sei: eu era cego e agora vejo" (lit. Jo. 9.25).

DEUS QUIS SE REVELAR A NÓS PESSOALMENTE

Ao começar esta lição mencionamos o Salmo 19.1. Nos versículos 1- 6, deste Salmo nos é apresentada a revelação *geral* de Deus mediante a obra da criação; no versículo 7 e seguintes trata da revelação *especial* mediante sua "lei" (heb. *torah*, que significa fundamentalmente "direção"). Através da palavra escrita, Deus nos oferece uma mensagem de salvação e ensino, claro e completo, tanto para o pecador irremediavelmente perdido em si mesmo, como para o crente, cuja peregrinação por esta vida está iluminada por essa mesma palavra (Sal. 119.105). Esta palavra de Deus, contida nas Sagradas *letras* (lit. em 2 Ti. 3.15) interpela a cada ser humano, exigindo dele uma resposta da qual depende seu destino eterno, dado que, sem esta *resposta de fé* "é impossível agradar a Deus" (He. 11.6). Interpela também a cada uma das igrejas (ver Ap. 2.7, 11 ,17, 19; 3.6, 13, 22).

É importante lembrar que o conhecimento que a revelação de Deus nos proporciona ao nível da fé, por estar sustentado não na evidência natural, senão na autoridade infalível de um Deus que não pode enganar nem se enganar, não é um tiro no escuro, senão verdadeiro "saber" que supera a qualidade e a importância de todos os demais "saberes", dado que é um "saber para salvação" (2 Ti. 3.15), fruto de uma mente renovada (Rm. 12.2), com o que se purifica e aperfeiçoa toda a ótica espiritual do homem.

Mas, ao mesmo tempo, o fato de que a fé nos introduz no conhecimento de Deus pela via do *coração* ("com o coração se crê" Rm. 10.10), faz da fé uma entrega –entrega total, sem condições– antes que uma mentalidade. De fato, ainda que seja a mente quem capta a luz, é o coração o que abre as janelas ao sol da verdade. De aí que o Senhor lhes dissera aos judeus que se negavam a receber a mensagem do evangelho: "Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina, se ela é de Deus" (Jo. 7.17). Este é o verdadeiro conhecimento de Deus (Jo. 17.3), cordial, comunicativo, experimental, amoroso, sem o qual de nada serve toda a erudição teológica ou bíblica (veja entre outras referências, 1 Co. 13.8; Tg. 2.19).

QUESTIONÁRIO

Perguntas sobre a lição 1ª

1ª pergunta. *Qual* é a sugestão que 1 Timóteo 6.3 faz em relação ao valor espiritual, prático, da doutrina bíblica?

2ª pergunta. Grudem diz (*Systematic Theology,* pag. 16 até o final*)* que "a teologia deve *ser cantada, rezada e vivida"*. Qual é a relação que há entre o estudo e o culto, segundo sua opinião?

3ª pergunta. Por que geralmente resulta inútil discutir com um incrédulo sobre assuntos religiosos?

4ª pergunta. Qual é a atitude correta do crente em colocar em prática a ordem dada por Cristo em Atos 1.8? Perceba que a Bíblia não apresenta o Evangelho como uma "exclamação", nem como uma "declamação", senão como uma "proclamação".

5ª pergunta. Em que momento do culto toma lugar essa "proclamação" com gestos simbólicos que não precisam de palavras?

6ª pergunta. Em que condição espiritual e em que circunstâncias é mais forte a experiência interior em você sobre a existência e o caráter santo de Deus?

7ª pergunta. Provoca-lhe frustação o fato de que, por muito que conheçamos a Deus (ver João 17.3), nunca acabaremos de crescer nesse conhecimento, *inclusive na feliz eternidade no Céu?*

LIÇÃO 2

Nomes bíblicos de Deus

Os nomes com que a Bíblia descreve Deus são muitos e variados. Isto devido ao método pedagógico de Deus, quem se adequa à fragilidade da nossa mente para penetrar no Infinito e nos oferece, como num arco-íris, Sua essência e natureza. Estas somente se mostram à medida que Deus decidiu nos revelar sua intimidade absolutamente transcendente.

É verdade que Deus se definiu a Si mesmo, de alguma maneira, a Moisés, quando, desde a sarça ardente que não se consumia, lhe disse: "EU SOU O QUE SOU". E acrescentou: "Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós outros" (Êx. 3.14). Logo voltaremos a isto, ao falar dos nomes simples de Deus.

Dos nomes atribuídos a Deus nas Escrituras, uns são simples; outros, compostos de El (singular abreviado de Elohim); outros, compostos de Yahweh (SENHOR, na versão Almeida Revista e Atualizada, e Jeová em outras traduções como a dos denominados "Testemunha de Jeová").

1. Nomes simples.

A) *El, Elah, Eloah, Elohiym.* Elohim é o primeiro nome que é aplicado a Deus na Bíblia (Gn. 1.1) e se refere genericamente ao ser de Deus em quanto a que é Criador e Reitor Supremo do Universo e de cada um dos seres criados. Não é um nome próprio do nosso Deus vivo e verdadeiro, pois a Bíblia também o utiliza em referência a falsos deuses (Sal. 95.3), a homens (Gn. 33.10) e, especialmente, a governantes e juízes (Sal. 82.6, comp. com Jo. 10.34), por exercer uma função que, por direito próprio pertence a Deus. Aparece preferentemente em plural para denotar intensidade de poder e majestade, mas não indica, per se, pluralidade de pessoa, o que é evidente em lugares como Gênesis 1.1, onde o verbo está em singular.

B) *Yahweh* (abreviado: *Yah*). Com este nome, nos é apresentado no texto original do A. Testamento a Deus em relação protetora e salvadora no que diz respeito ao Seu povo, tanto que, num mesmo versículo (p.ex. no cap.2 –também no 3– de Gn.), aparecem juntos Yahweh-Elohim, dando a entender desta forma a conotação diferente de cada um. A conotação salvadora de *Yahweh* ou *Yah* se torna evidente no nome de *Yeshúah* = *Jesus*, que significa "Yahweh salva".
Somente no grande Dia da Expiação era permitido ao Sumo Sacerdote pronunciar no Santo dos Santos este nome inefável, enquanto todo o povo assistente caía sobre seus rostos, dizendo: "Bendito seja Seu nome, cujo Reino glorioso é pelos séculos dos séculos" (comp. Lc. 1.31, 33 e Jo. 18.6, onde, ao dizer Jesus "EU SOU", os que vão prendê-lo recuam e caem sobre seus rostos).

C) *Adonay.* Este nome, que as nossas versões traduzem por *Senhor* indica de maneira especial o governo onipotente de Deus, a quem tudo lhe está sujeito. O hebraico *Adonay* é um plural majestático em estado constructo, ou seja, combinado com outro vocábulo, porém, na aplicação bíblica está fixada como estado absoluto.

2. *Nomes compostos de "El".*

A) *El-Shaddai.* Normalmente traduzido por "Deus Todo-poderoso", com que seria o equivalente do grego *Pantokrátor*. Porém, esta tradução que tem sido aceita entre teólogos, deve-se na verdade a uma incorreta versão da Vulgata Latina. Seu verdadeiro sentido, como diz Hertz (o.c., pag. 58) é "Dador de benefícios". Scofield observa corretamente (*Bíblia de Estudio Scofield*, pag. 24-25) que *Shaddai* procede de "shad" = peito materno, de onde o bebê obtém seu alimento, descanso e satisfação; de maneira que a melhor versão seria "O Todo-Suficiente". Para se aprofundar mais neste nome de Deus, veja a lição 13 deste Curso (ver Gn. 17.1-8).

B) *El-Elyown.* Este nome, que o grego do N.T. traduz por "Hupsitos Theos" = *Deus Altíssimo* (Gn. 14.18, 19, 22; Sl. 78.35),

descreve a Deus como o que, desde o alto, é o "possuidor de todos os bens do Céu e da Terra". Resulta curioso que um gentil como Melquisedeque conhecera a Deus por este nome e lhe servisse como reis e sacerdote, pelo que Abrão "lhe deu o dizimo de tudo" (Gn. 14.20, comp. Com Hb. 7.1-17).

C) *El-Owlam.* É traduzido por "Deus Eterno". No hebraico "olam" tem diversos significados, porém o principal sentido é de algo "oculto"; Por isso o significado: (a) *um tempo oculto*, ao que não é possível conhecer nem seu princípio nem o fim; é neste sentido que é aplicado a Deus, para designar sua eternidade. Assim temos também a expressão hebraica "meolam adolam" = desde o tempo até o tempo, isto é, desde toda a eternidade até toda a eternidade (Sl. 90.2); (b) *o esforço de investigar o universo*, correspondente ao grego "ación", como em Eclesiastes 3.11. As duas ideias (de algo *secreto*, inescrutável, e do *eterno*) se misturam no nome *El- Owlam*.

D) Aos nomes compostos de *El*, citados anteriormente, se acrescenta *El-roí* = "Deus que vê" (Gn. 16.13). Apesar das aparências, o *roí* de Gênesis é diferente do *roí* de Sl. 23.1, como pode ser visto no hebraico.

3. *Nomes compostos de "Yahweh".*

A) *Yahweh-Elohim.* Aparece por primeira vez em Gênesis 2.4 (onde começa realmente o cap. 2) e assim o vemos, invariavelmente, no restante do capítulo 2, assim como no capitulo 3. Aparecem aqui combinados os nomes mencionados para nos dar a entender que, depois de mencionar a criação do homem *como a parte mais nobre do universo material*, surgido das mãos de Elohim, o Gênesis nos leva a focar nossa atenção nos detalhes da formação do primeiro homem e da primeira mulher, assim como a tentação, a queda e a expulsão dos dois do Paraíso. O profundo significado deste nome composto nos sinaliza *um relacionamento peculiar de Deus com o homem*, como o Poderoso Salvador, a quem, apesar das falhas humanas, não perde o controle da História (ver Gn.3.15).

B) *Adonay-Yahweh.* Este nome, que aparece pela primeira vez em Gênesis 15.2, serve para dar ênfase especial ao caráter do "Senhor Bondoso e Poderoso" que revela primordialmente uma intima relação de Deus com seus filhos. Deve notar-se o contexto no qual Abrão suplica a Deus como "galardão supremo" um filho que seja herdeiro das promessas (ver Gn. 12.1-3). Gênesis 15.6 é fundamental para o conceito de justificação pela fé somente (ver Rm. 4.1-5).

C) *Yahweh-Tsabaoth*. A verdadeira tradução é "Yahweh das hostes". Este título não se encontra no Pentateuco, nem de maneira direta em Josué ou Juízes, ocasionalmente nos Salmos, porém copiosamente em Jeremias, Ageu, Zacarias e Malaquias. Para outros detalhes, veja as lições 12 e 13 deste Curso.

D) *Yahweh-Elohim Yisrael* = "Yahweh, Deus de Israel" (ver Jz. 5.3; Is. 17.6).

E) Por último, na Bíblia há outros nomes compostos de *Yahweh*, que são os seguintes:
   1) *Yahweh-yireh* = "Deus proverá" (Gn. 22.13, 14).
   2) *Yahweh-rofecha* (não rafá) = "Yahweh te sara" (Êx. 15.26).
   3) *Yahweh-nicciy* = "Yahweh, minha bandeira" (Êx. 17.8-15).
   4) *Yahweh-shalowm* = "Yahweh-paz" (Jz. 6.24).
   5) *Yahweh-roí* = "Yahweh, meu pastor" (Sl. 23.1).
   6) *Yahweh-tsidqenuw* = "Yahweh, nossa justiça" (Jr. 23.6).
   7) *Yahweh-shammah* = "Yahweh, [está] ali" (Ez. 48.35).
   8) *Yahweh-mikadiskim* = "Yahweh, vosso santificador" (Êx.31.13).

EM TODOS OS NOMES COMPOSTOS LISTADOS, A PRIMEIRA PARTE DEVE DE SER TRADUZIDO POR *YAHWEH*, NÃO POR *DEUS*.

4. *Equivalência dos nomes hebraicos de Deus no N.T.*

Os nomes simples de Deus que aparecem no hebraico do A.T. têm o seu equivalente no grego do N.T. na seguinte forma:

1) Ao hebraico *Elohim* corresponde o grego *Theós.*

2) A *Yahweh* corresponde o grego *Kyrios* (ou *Kúrios*), conforme a versão LXX, que não tiveram o atrevimento de transcrevê-lo por *Iavé* (como está no Pentateuco Grego Samaritano) por falsa reverência, mas nos dá uma excelente oportunidade – contra " Os Testemunhas"– para perceber que, ao denominar o N.T. *Kyrios* a Jesus Cristo, lhe outorga o nome mais próprio de *Yahweh*. Quando Esse *Kyrios* se toma como equivalente do hebraico *Adonai*, indica autoridade e supremacia.

3) Há ainda no N.T. um terceiro nome grego: *Despotes*, que tem o sentido de "amo", "dono" ou "proprietário" e é aplicado a: (A) Deus Pai em Lucas 2.29; Atos 4.24 e Apocalipse 6.10; (B) Cristo em 2 Pedro 2.1 e Judas v. 4.

QUESTIONÁRIO

Perguntas sobre a lição 2

1ª pergunta. De que maneira se manifesta a sabedoria, o amor e o poder de Deus em ter falado a nós em nossa própria linguagem?

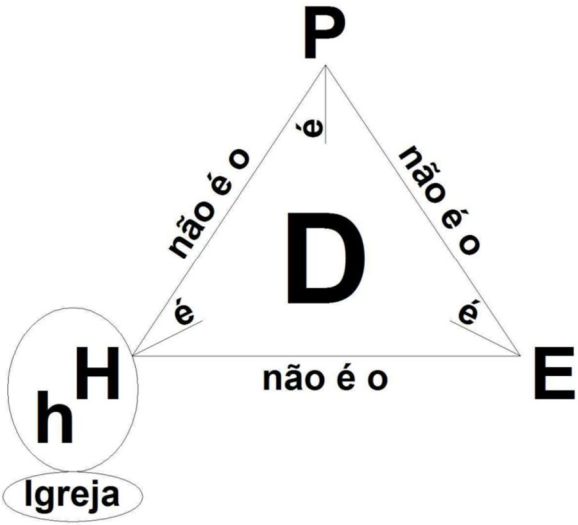
2ª pergunta. Que tipo de pensamentos gera em você o nome *El-Shaddai* de Gênesis 17.1, corretamente traduzido?

3ª pergunta. O que lhe diz o nome *Yaheweh-Tsebaoth* aplicado a você, como deve ser, considerando sua condição de "militar" cristão? (Ver 2 Tm. 2.3).

4ª pergunta. Quais nomes compostos de *El* ou *Yahweh* parecem mais reconfortantes e estimulantes para você mesmo?

5ª pergunta. Estes nomes (p.ex., *"Yahweh-meu-pastor"*) são aplicáveis somente aos israelitas ou a todos, judeus e não judeus? Como você poderia argumentar com sua Bíblia? Desta vez, lhe darei uma dica importante: Romanos 15.4.

6ª pergunta. Qual você acha que foi o motivo de que em Apocalipse 1, lhe sejam atribuídos a *Cristo* nomes e símbolos que a Bíblia normalmente reserva para Deus *Pai*? A comparação de Apocalipse 1.7 com Zacarias 12.10 e João 19.37 serve para ver o que muitos "expertos" não conseguem ver.


P
é
não é o
não é o
D
é
é
não é o
E
H
h
Igreja

LIÇÃO 3

História da doutrina sobre a Trindade

1. O que significa, para nós, a palavra "trindade"?

A palavra "Trindade", que seria melhor chamar "Tri unidade", serve para expressar a verdade bíblica de que o único Ser Divino existe e subsiste em três Pessoas realmente diferentes. Também são utilizados outros termos com o mesmo sentido; "Santíssima Trindade", "Trina Deidade", "Trindade Divina".

Embora já existisse, por exemplo, na filosofia hindu o número ternário para designar um conjunto harmônico de "deuses" (Brahma, Vishnú e Shiva), a realidade de *um só Deus em três pessoas* é exclusiva e própria do Cristianismo.

Para o judaísmo, o ensino do N.T. sobre a Trina Deidade faz parte do "escândalo" do Cristo crucificado (ver 1 Co. 1.23). Inúmeros lugares dos Evangelhos (p.ex. Mt. 26.63-66; Jo. 5.18; 10.30-33) nos faz ver que o que realmente levou a Cristo para a Cruz, no papel que desempenharam as autoridades judaicas, foi o fato de considerar a si mesmo como *"o Filho de Deus"*, *"tornando-se igual a Deus"*.

O mesmo *véu* que obscurece a compreensão dos judeus sobre passagens como o Salmo 22 ou o capítulo 53 de Isaías (comp. 2 Co. 3.14-15) fica em evidencia nas seguintes palavras de um rabino palestino do século IV que é citado pelo rabino Hertz (o.c. págs. 921 e 923) para confirmar sua asseveração de que a crença na Trindade é uma violação do monoteísmo e de que os judeus que aceitaram o Cristianismo "obscureceram o céu do monoteísmo de Israel ao ensinar a nova doutrina de uma 'filiação divina', identificando com Deus a um homem nascido de mulher, e advogando pela doutrina da Trindade". Assim diz o rabino do século IV:

"São esquisitos esses indivíduos que acreditam que Deus tem um Filho e que permitiu que morresse. O Deus que não pode sofrer ao ver

Abraão, segundos antes de sacrificar ao seu filho exclamou 'não estendas tua mão sobre o garoto! ', como ia presenciar impávido a imolação do Seu Filho, em vez de reduzir às cinzas todo o Universo? "

2. Antigos erros sobre a Trindade

A) *Subordinacionismo.* A influência do neoplatonismo nos círculos de erudição das igrejas orientais durante os séculos III e IV, junto com as investidas lançadas desde o judaísmo e o gnosticismo, fiz brotar o erro de que somente o Pai é verdadeiro Deus, sendo as outras duas Pessoas *seres criados, nunca iguais ao Pai*, ainda que participes do divino em certa medida, sempre limitada. Este erro se divide em dois:
(a) *Arrianismo*, que deve seu nome ao presbítero de Alexandria, Arrio (256? -336), quem defendia que o Verbo era criatura do Pai, ao que teria servido como instrumento para criar todo o restante. Contra este erro, o Concilio de Niceia (ano 325) afirmou que "Jesus Cristo, é o Filho de Deus, é Deus verdadeiro, nascido –não criado– do Pai, IGUAL EM ESCENCIA (gr. *homoúsion*) AO PAI..." Vendo que em dita fórmula se conciliava uma negação da Trindade, o que diz ao respeito da distinção real das Pessoas, se forçou uma fórmula de comprometimento (inclusive por motivos políticos) no ano 360, pela qual se declarava que o Filho não era *homoúsios* = da mesma essência, senão *homoioúsios* = de essência "semelhante" à do Pai.
Esta se tornou a religião oficial do Império (Por isto sua infiltração e supervivência nos godos, visigodos e ostrogodos, etc.), até que a morte dos imperadores que eram a favor do arianismo, e a reflexão bíblico-teológica de três grandes escritores eclesiásticos (Basílio de Cesareia, Gregório de Nanzianzo e Gregório de Nissa) redirecionaram a Cristandade à fé de Niceia, confirmada no Concilio de Constantinopla no ano 381.
(b) *Macedonianismo,* assim chamado por causa do patriarca de Constantinopla, Macedônio (morto próximo do 370). Assim como o arrianismo faz do Verbo uma criatura do Pai, o macedonianismo faz do Espírito Santo uma criatura do Filho. Os

partidários desta heresia foram chamados também em grego "pneumatómakhoi" = os que combatem contra o Espírito.

B) *Monarquianismo*. O subordionacionismo enfatiza de tal forma a distinção entre as Pessoas da Trindade, que lhes atribui diferenças *essenciais*. Do lado oposto, o monarquianismo enfatiza tanto a igualdade das Pessoas, que exclui praticamente a Trindade, fazendo dela um conjunto de fases ou formas de uma só Pessoa Divina. Divide-se igualmente em dois tipos:
(a') *Monarquianismo dinâmico*. Admite em Deus uma só pessoa e vê em Cristo um mero homem, cuja coincidência de ser portador do *Logos* de Deus foi crescendo sob o influxo poderoso do Espírito de Deus até merecer honra divina ou *apoteoses*, mas sem ser jamais Deus na sua essência. Assim o *Logos* não é mais que a revelação do Pai, enquanto que o *Espírito* é o poder de Deus que controlava todas as palavras e as obras de Cristo. O principal fautor desta heresia foi o patriarca de Antioquia Paulo de Samósata (200? -273?). Este erro tem renascido na era moderna com maior proliferação entre os "unitários" de todos os tipos.
(b') *Monarquianismo modalísta*, também conhecido pelo nome de Sabelianismo, de Sabélio, também do século III, quem reconhecia em Deus *uma só pessoa* com três "modos" diferentes de se manifestar: como Criador (Pai), como Redentor (Filho) e como Santificador (Espírito Santo). Ao pôr em Deus uma só pessoa, teve que ser o Pai mesmo, tomando em Cristo o "modo" de Redentor, quem padeceu e morreu na Cruz, Sem perceber o que falam, há crentes que, ao orar a Deus (Pai!) chegam a se expressar de maneira sabeliana: "Te agradecemos, Senhor, porque vieste ao mundo para morrer por nós..."

C) *Triteísmo*. Este erro consistiu em sustentar que as três pessoas divinas são três *indivíduos* da mesma natureza divina, isto é, três deuses iguais em todos os atributos ou perfeições do Ser Divino. Caíram neste erro alguns seguidores do monofisismo recente, como João Ascunages e João Philopono, por não acertar em conceber três pessoas num só ser *individual*. No mesmo erro caiu o nominalista Roscelino durante a Idade Média.

O influxo da filosofia platônica fez que alguns escritores eclesiásticos do século IV (em resumo, o já citado Gregório de Nissa), sem cair em heresia, tentassem explicar o ministério da Trindade de maneira pouco correta. Como para Platão o verdadeiramente *real* era o mundo das *ideias*, enquanto que os indivíduos de uma mesma espécie eram repetições contingentes transitórias de uma só *forma ideal* (a espécie real universal com sua autêntica realidade), Basílio de Nissa, usando como base esta filosofia, argumenta que, assim como podemos dizer de Thiago, João e Pedro que são *um homem*, embora sejam três indivíduos, da mesma forma podemos dizer que o Pai, o Filho, e o Espírito Santo são *um só Deus* ainda que sejam três pessoas diferentes.

3. Erros modernos sobre a Trindade

Já mencionamos o unitarismo. A Teologia Liberal não é senão mais uma forma de unitarismo (ou unitarianismo). Podemos dizer o mesmo dos socinianos. Também negam a Trindade os "Testemunhas". O modalismo tem surgido também recentemente numa seita carismática denominada "Só Jesus" e batiza somente no nome do Filho. Para eles, "Pai" e "Espírito Santo" são apenas títulos do único Deus verdadeiro, quem é somente Jesus.

O Modernismo Teológico vai além de todos estes erros, pois chega a pôr em dúvida, e até negar, a personalidade de Deus. E, se é negado um Deus pessoal (como tentaram fazer, por exemplo, os já falecidos P.
Tillich e J.A.T. Robinson), já não faz sentido falar de uma ou mais pessoas em Deus.

QUESTIONÁRIO

Perguntas sobre a lição 3

1ª pergunta. Qual você crê que tenha sido o motivo, em todas as etapas da História da Igreja, que os escritores eclesiásticos mais eruditos não tenham conseguido expor corretamente o mistério trinitário? É apenas *um* motivo, ou resultado de vários fatores?

2ª pergunta. É suficiente uma condição espiritual e uma conduta irrepreensível para penetrar sem erro no interior das verdades divinas? A forma em que você responda esta pergunta mostrará se têm ideias claras ou confusas sobre este assunto.

3ª pergunta. O que faltou a Nicodemos "o mestre de Israel" (Jo. 3.10, literalmente) para estar apto de "entrar no Reino"? Não tinha tudo o que era necessário —as *sete* maneiras de "nascer de novo", segundo a tradição rabínica— Para *ser* "perfeito"? Porém, é justamente a este homem a quem Jesus lhe diz: *"importa-vos nascer de novo"*. Comparar Filipenses 3.5 e seguintes.

LIÇÃO 4

Análise do mistério Trinitário

I. INTRODUÇÃO

Vamos a insistir, antes de tudo, em algo que mencionamos na INTRODUÇÃO deste curso. *Não há nada nesta vida tão importante como o conhecimento pessoal de Deus.* Um conhecimento que deve ser íntimo, cordial, experimental, *conducente à vida eterna* (ver Jo. 17.3).

Como se obtêm esse conhecimento íntimo, experimental, de Deus? O que é Deus em Si, e o que Ele quer de nós em cada momento, se conhece em base a três fatores conjuntos:

A) Pela Sua Palavra
B) Pelo Seu Espírito
C) Pela Sua Providência (as circunstâncias em que nos coloca)

Como a revelação especial de Deus está já consumada quando *"nos falou em Filho"* (Hb. 1.2 lit.), estudando e contemplando a pessoa, o ensino e toda a conduta de Jesus através dos Evangelhos, chegamos a perceber que foi o Filho quem nos fez a *exegese* de Deus (veja o original grego de Jo. 1.18), enquanto que o Espírito Santo nos faz a *eiségese* (ver Jo. 16.13).

É verdade que o original de João 16.13 não utiliza essa terminologia, senão que emprega o mais expressivo *hodegései* = "guiará pelo caminho", mas a ideia é de Alguém que toma a frente numa expedição para mostrar o caminho aos que lhe seguem.

Agora lembre o que lhe digo, destacando em cursiva, no terceiro parágrafo da Introdução deste Curso (pág. 11), sobre as atividades peculiares de cada Pessoa Divina, e se entenderá que, por força, deve ser o Espírito Santo o encarregado de nos guiar *as profundezas de Deus* (1 Co.

2.10-13). Sem Sua atividade pessoal, não é possível *segurar* (lit.) as coisas de Deus (1 Co. 2.14), porque a razão não regenerada se move —já dissemos— num plano *qualitativamente* inferior ao da fé. Sem o "nascimento do alto", não se pode ver, nem entrar, ao plano da fé (ver Jo. 3.3, 5).

1. Em que consiste o mistério trinitário?

A esta pergunta podemos contestar simplesmente que *o mistério trinitário consiste em que três Pessoas realmente, infinitamente, diferentes têm em comum uma só essência, sustância e natureza individual*. Na Encarnação do Verbo ocorre exatamente o contrário: *Uma só Pessoa subsiste em duas naturezas completas*.

Deus, não é impessoal, nem unipessoal, nem uma "pessoa coletiva", senão *tripessoal* (veja Mt. 28.19; Jo. 10.28-30). A gramática nos diz que "eu", "tu", "ele" são pronomes *pessoais* e Jesus assim os utiliza nos capítulos 14-17 de *João*. Mas a personalidade divina, simples (imutabilidade) e infinita (imensidão) transcende infinitamente o conceito de pessoa angélica ou humana. Com tudo, Gênesis 1.26 nos põe ante a "analogia", como veremos mais adiante. SÃO, POIS, PESSOAS.

Já mencionei a "analogia". Para os leitores que desconheçam as terminologias filosóficas, vou dar uma pequena explicação: Uma terminologia pode ser aplicada á dois seres diferentes de três formas: 1) Por *univocidade*, quando se aplica a ambos de maneira *total*; por exemplo: a terminologia "homem" se aplica a João e a Pedro desta forma; é *unívoco*. 2) Por *equivocidade*, quando se aplica a dois seres *porque se escuta igual*, mas o significado é diferente; ´por exemplo a terminologia "vão" pode significar espaço entre um objeto e outro, "vão" como ação de ir e "vão" como algo que resultou ser inútil; é *equívoco*. 3) Por *analogia*, quando se aplica a dois seres que são de natureza distinta, mas têm entre si algum tipo de conexão simbólica ou metafórica, seja por metonímia ou por sinédoque. Dois exemplos de cada caso: Em Apocalipse 5.5-6, O Senhor Jesus é chamado de "Leão" e "Cordeiro", não sendo nem um nem o outro por natureza, mas sim pelo duplo simbolismo, bem conhecido. Outro exemplo de analogia diferente: A terminologia "ser" se aplica a um *ser humano* e ao *Ser Divino*, mas somente há semelhança em parte, devido a que o Ser de Deus transcende infinitamente o conceito do ser

humano, já que nós temos um ser *que nos foi dado*, enquanto que Deus *é o ser, sem nenhuma limitação e em virtude da sua mesma essência,* ***ninguém deu a Ele***. Mas, ao fim e ao cabo, Deus é "um Ser" e nós temos "um ser"; há semelhança, *analogia*, não é um *equívoco*, pois, o único que se opõe ao Ser infinito não é um ser limitado, senão a *nada*. Outras noções de especial importância são as de "ausência", "essência" e "natureza", que vamos a aplicar agora a Deus.

Ao falar de "substância", colocamos em relevo que todo é, em Deus, *substancial*, necessário em sua própria auto sustentação como um Ser que realmente existe e que, além, para Sua própria perfeição não precisa (e repugna à simplicidade do seu Ser) de nenhum outro tipo de ser que se acrescente ("acidente") a Sua sustância para qualificá-la ou determina-la, como o faz um adjetivo a um substantivo (em gramática) ou uma cor a um objeto (na realidade física). Assim é como os eclesiásticos ocidentais dos primeiros séculos entendiam a terminologia grega *hipóstases*, como sinónimo do latim *substantia*. Depois tiveram que inventar o vocábulo latino *subistentia* para que os orientais não se escandalizassem pelo significado de "pessoa" = máscara do ator de teatro.

Ao dizer "essência", damos a entender o que Deus *é*, o Ser Divino que nós somente podemos captar refratado, como o arco-íris, num conjunto de atributos (melhor, perfeições) que pertencem exclusivamente a cada uma das Pessoas Divinas no que têm em comum às três. Estas perfeições *essenciais* são pelo conceito próprio, *incomunicáveis*.

Finalmente, ao dizer "natureza", enfatizamos o aspecto da Deidade que, segundo nossa compreensão limitada da mesma, representa no seio da Trina Deidade o princípio interior, ou fonte mais profunda, da *conduta* das Pessoas Divinas, não só no que têm em comum às três, senão também do próprio e peculiar de cada uma, tanto no seio mesmo da Deidade (para adentro), como na forma de se comportar de face ao Universo criado e, em especial, de face aos seres puramente espirituais (os anjos) ou que constam de espírito e matéria (os homens). Estas perfeições são *comunicáveis*, o que é de tremenda importância para a vida espiritual do crente.

2. Como adquirimos o conceito de pessoa divina através da analogia?

A palavra de Deus nos oferece nos três primeiros capítulos do Gênesis dados suficientes para poder vislumbrar o correto conceito e Pessoa Divina através da análise da personalidade humana. Chave: Gênesis 1.26-28.

A personalidade humana pode ser analisada em dois planos:

A) No plano *psíquico-existencial* (o plano real = o que *somos*) a personalidade humana possui três caraterísticas: Domínio responsável de si mesmo, consciência reflexiva de si mesmo e alteridade irrepetível, em vista que Deus não faz dois seres humanos iguais.
B) No plano *ético-essencial* (o plano ideal = o que *devemos ser*), a personalidade humana possui outras três caraterísticas: Dependência, inteligência e comunhão tridimensional (com Deus, com o próximo, consigo mesmo – "integração".)

Os dois planos aparecem em Gênesis, capítulos 1-3. Começaremos por analisar as primeiras frases de Gênesis 1.26, onde o original hebraico diz: *Naaseh Adam betsalménu kidmuténu = Façamos a Adam* (o ser humano) *à nossa imagem, conforme a nossa semelhança.* Depois dos prefixos *be* e *ki*, que correspondem respectivamente a nossas preposições *em* e *segundo*, estão os nomes *tsélem* = imagem, cuja raiz *tsl* significa "sombra", e *demut*, cuja raiz traz consigo a ideia de "efígie". Os dois nos apresentam a ideia de que o ser humano foi criado como algo que muito se assemelha ao seu Criador. Onde se percebe, na própria Bíblia, essa semelhança?

A') No plano *psíquico-existencial* (o plano real). Em continuidade com a frase explicada acima, o texto de Gênesis 1.26 continua: "*...tenha ele domínio...".* Os versículos 27 e 28 constituem uma paráfrase do v. 26. A 2ª caraterística (consciência reflexiva) é percebida, sem ir muito longe, em Gênesis 2.23 e 3.6-7. A 3ª caraterística (alteridade irrepetível) é vista na responsabilidade estritamente *pessoal* que a palavra

de Deus coloca sobre todo ser humano, como pode ser percebido em Gn. 3.8-13, onde o ser humano *caído*, e, por tanto, *alienado*, tenta infrutuosamente colocar sobre "outro" a sua responsabilidade;

B') no plano *ético-essencial* (o plano ideal). A dependência radical do ser humano é óbvia desde o momento em que nossos primeiros pais recebem do Criador mandamentos, especialmente, o mandamento de "teste de dependência" (Gn. 1.28-29; 2.16-17). A 2ª caraterística (inteligência) é percebida no fato de "dar nome" a todos os animais (Gn. 2.19-20). A 3ª (comunhão espiritual com Deus —em primeiro lugar) a vemos em Gênesis 3.8; primeiramente de forma positiva: *"E ouviram a voz de Yahweh Deus, que andava no jardim ao ar do dia"* (lit.); depois, de forma negativa: *"esconderam-se da presença de Yahweh Deus, o homem e a mulher, por entre as árvores do jardim"*. Perdeu-se a "comunhão" e apareceu a "alienação".

Para mais detalhes, veja meu livro *"El hombre; su grandeza y su miseria"* (CLIE), páginas 64-101.

3. Diferencia entre personalidade e pessoa

(Ver desenho na pag. 29)

A *personalidade* é a diferencia real que constitui uma pessoa e a diferencia de outra, enquanto que a *pessoa* é todo o ser individual começando do ápice de cada pessoa. Por isto a *mutua imanência das três pessoas divinas*, ou seja, cada uma está dentro das outras duas, já que tudo o que pertence ao Ser Divino na sua essência e natureza é comum ás três por inteiro.

Por outro lado, a personalidade não é agencia executiva, senão simplesmente *centro de atribuição e responsabilidade* (quem atua). A natureza, pelo contrário, com seus elementos integrantes é o princípio, ou a *agencia executiva do sujeito* (com que atua). Por exemplo, *eu* sou quem penso, mas penso *com* minha mente e meu cérebro. Sendo assim, não é meu cérebro o culpado por um mau pensamento, senão eu.

4. Evolução histórica do conceito de pessoa

São três os fatores que, ao longo dos séculos, tem contribuído a que a compreensão do mistério trinitário em geral, e a do conceito de "pessoa" em particular, se tornasse extremamente difícil.

A) A impropriedade da nossa linguagem para expressar o divino.
B) A dificuldade de obter uma exegese equilibrada ante a confrontação de duas escolas que sustentavam um método diametralmente oposto na interpretação das Sagradas Escrituras, com o agravante da dificuldade devido à mentalidade teologia diferente de Oriente e Ocidente.
C) A influência que as diferentes escolas filosóficas têm tido nos sistemas teológicos de cada época.

O já mencionado Gregório de Nissa tinha definido, para expressar o mistério trinitário, a fórmula grega: "mía ousía, treis hypostáseis", = uma essência, três pessoas, dando a "hipóstases" o sentido de *pessoa*. Mas a palavra "hipóstases" traduzida ao latim, é "substância" e é natural que os ocidentais, latinos, não admitissem "substância" como sinônimo de "pessoa", senão de "essência". Por isso, usaram o vocábulo "pessoa" no sentido jurídico, como "alguém com plenos direitos cíveis".

Por outro lado, os orientais, gregos, não podiam admitir o termo "pessoa" ("prósopon" em grego), porque significava a máscara com que os atores de teatro cobriam seus rostos, não só para caracterizar seus personagens, mas também porque, a traves da máscara, as vozes "per-soavam", ou seja, o som se expandia de tal forma que chegava a cada canto do auditório. Por isso, os teólogos preferiram o termo "hipóstases" como sinônimo de "pessoa".

Os teólogos medievais, não ficaram conformes com os termos supracitados e inventaram o vocábulo *subsistência*, embora, depois isto tenha provocado maior confusão, pois *subsistir* expressa a ideia de *existir por si mesmo*, o que é próprio de Deus em quanto a seu *Ser individual*. Além disso, em português, "subsistência" significa também, o conjunto daquilo que é essencial para manutenção da vida;

Para um estudo mais profundo e mais proveitoso sobre este assunto, recomendo a leitura do livro *Dios, uno y trino* de J. Auer (Herder), págs. 330-363.Transcrevo o parágrafo final de toda a seção, que, por sua

vez, é a cópia do parágrafo com que o famoso escritor eclesiástico Agostinho de Hipona finaliza seu livro "*De Trinitate*":

"Livrai-me, Senhor, das palavras vãs que há dentro da minha alma. É digna de compaixão aos teus olhos, mas que se refugia em tua misericórdia...Por muito que digamos, muito ficará por dizer, mas o resumo de tudo o que se pode dizer é: que o mesmo Deus é tudo. Assim, pois, quando chegarmos em tua presença, cessará o muito que dissemos e muito ficará por dizer. E tu somente permanecerás sendo tudo em todas as coisas. E então eternamente cantaremos um só cântico: louvar-te todos quantos em ti somo um. Tu, Deus único. Tu, Deus Trindade; o que nestes livros tenho dito sobre ti, faz que também o reconheçam os que são teus. E se algo disse por conta própria, ignora-o tu e que seja ignorado também pelos que são teus! Amém".

5. Algumas considerações devocionais

A) Visto que temos em "comunhão" com Deus (ver 2 Pe.1.4) a natureza divina (não em "participação" —veja a diferencia dos vocábulos no original grego de 1 Co. 10.16-17), a mutua imanência divina deve de ser refletida na Igreja corporativamente e em cada um dos crentes. Jesus orou ao Pai: "... a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós, para que o mundo creia (presente de subj.- continuativo) que tu me enviaste" (Jo. 17.21)

B) A imanência mutua (entre o Pai e o Filho, entre os crentes entre si e com as pessoas divinas), manifestada no texto de João 17.21, aparece simplificada, pero ao mesmo tempo, reforçada pelo uso do verbo grego *ménei* = permanece (o mais forte para expressar uma residência fixa e amorosa) em 1 João 4.16: ...Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele".

C) Para entender adequadamente o que significa o grande privilégio de compartilhar de maneira real (ainda que com diferença infinita de qualidade e grau) a natureza divina com as três pessoas da Deidade, devemos considerar que isso foi obtido pelo preço do sangue do Cordeiro inocente de Deus. Como escreveu J. Stott no seu excelente livro "Cristianismo Básico" p.79,

"Para entendermos plenamente a obra realizada por Jesus, precisamos compreender não apenas quem ele foi, mas também quem *nós* somos. Tudo que ele fez foi por nós. Sua obra foi uma missão realizada em favor de pessoas necessitadas pela única pessoa capaz de suprir suas necessidades. Sua competência está firmada em sua divindade; nossa necessidade resulta de nosso pecado". E, umas páginas depois (pag. 146), como respondendo à pergunta do carcereiro de Filipos: "Que devo fazer para que seja salvo? ", responde:
"Certamente devemos fazer alguma coisa. Ser cristão não é simplesmente concordar com uma série de proposições, por mais verdadeiras que sejam. O fato de alguém crer na divindade de Cristo e na salvação e reconhecer que é um pecador necessitado de salvação e reconhecer que é um pecador necessitado de salvação também não o torna um cristão. Temos que assumir um compromisso pessoal com Jesus Cristo e aceita-lo como nosso Salvador e Senhor".

D) Outra consideração de suma importância no âmbito devocional é que o preço da nossa redenção, ao que temos nos referido anteriormente, foi obtido mediante o sacrifício cruento de uma *Pessoa Divina*. No ponto 1 desta Lição 4 (pag. 40), mencionei que, na Encarnação do Verbo, acontece o inverso que no mistério trinitário, pois *"uma só Pessoa subsiste em duas naturezas completas"*. Isto significa, nem mais nem menos, que, em virtude da "união hipostática", *é uma Pessoa Divina quem sofreu a morte na cruz por mim e por você*.

(O conceito de "união hipostática" será tratado extensamente, na Parte II deste Curso, onde estudaremos a Pessoa e a Obra do Filho).

QUESTIONÁRIO

Perguntas sobre a lição 4

1ª pergunta. Se em vez de existir um Deus tri-pessoal, como na verdade ele é, houvesse um Deus unipessoal, Você crê que, devido a isso, nosso progresso espiritual ficaria limitado?

2ª pergunta. Um dos ensinamentos que derivam do "Eu Sou o que Sou" De Êxodo 3.14 é que Deus não necessita de nada nem de ninguém para existir e ser o que ele é. Em outras palavras, Deus é "autossuficiente". É isto um tipo de contradição diante da necessidade de "doar-se", implícita na frase de João (1 Jo. 4.8, 16) "Deus é amor"? Gostaria de dar a resposta, devido a que obteremos valiosas reflexões: Deus é "autossuficiente", mas não "auto satisfeito".

3ª pergunta. Você tem compreendido claramente a significância de que uma Pessoa divina (tão Deus quanto o Pai) tenha entregado sua vida para livrar-nos —a mim e a você— da miséria eterna no Inferno e inserir-nos à comunhão mais intima possível com Deus na felicidade eterna do Céu?

4ª pergunta. Você tem percebido também de que foi Deus o Pai quem deu início de maneira pessoal a essa obra de salvação, sendo movido a aquilo tendo como único motivo seu infinito amor misericordioso por fracos e adversos pecadores? (Veja Rm. 5.6-10).

LIÇÃO 5

Análise das porções Bíblicas trinitárias

I. INTRODUÇÃO

Como veremos a seguir, o N.T. nos oferece várias porções nas quais claramente se expressa a Trindade de Pessoas dentro da Deidade. Acontece o mesmo no A.T.? São três as opiniões dos teólogos sobre este ponto:

A) Este mistério está explicito em muitas passagens do Antigo Testamento. Ao meu parecer, esta afirmação não pode ser sustentada, pois seria o equivalente a acusar de má fé a *todos* os rabinos judeus não crentes.
B) No Antigo Testamento não há nenhum *indicio* da Trindade. Creio que esta opinião também é falsa, (a) primeiramente, porque isso deveria de supor um salto pouco pedagógico no progresso da revelação especial de Deus; (b) segundo, porque, se fosse assim, os judeus deveriam ter tido toda a razão ao rejeitar a divindade de Cristo.
C) Em base ao Novo Testamento, o mistério trinitário pode vislumbrar-se em muitos lugares do A.T. Como acertadamente escreveu Agostinho de Hipona, "o N.T. está *latente* no Antigo; o A.T. está *patete* no Novo". Esta, sem dúvida, é a opinião correta.

1. O que tentamos demonstrar?

Para que todos os pontos desta doutrina sejam esclarecidos, vamos a expor o assunto nos pontos seguintes:

1.1. A Escritura nos fala de três Pessoas realmente diferentes em Deus.

1.2. Cada uma destas três Pessoas é Deus "por inteiro".
1.3. As três Pessoas —Pai, Filho, Espírito Santo— são um só e único Deus.
1.4. O Filho procede do Pai.
1.5. O Espírito Sato procede do Pai e, de certa forma, também do Filho.

Comecemos então a expor cada um destes pontos.

1.1. A Escritura nos fala de três Pessoas realmente diferentes em Deus

A) Supondo que ninguém nega a personalidade nem a deidade do Pai (entre aqueles que tenham a Bíblia como normativa de fé), os lugares do A.T. nos quais aparece de certa forma a Trindade de Pessoas de Deus são: Gênesis 1.2-3, onde o *Espírito* executa a *Palavra de Deus* (o Pai); Gênesis 1.26, onde o "façamos" não é um plural intensivo ou majestático como no v.1, devido a que o verbo está em plural; Gênesis 3.22: *"*...eis que o homem se tornou como *um de nós*"; Gênesis 11.7: "desçamos" —este não é tão consistente—; Isaias 48.16 "*eu* estava ali (o "Enviado" de Yahweh)...*Adonai-Yahweh* e seu *Espírito*"; Isaias 61.1 "O *Espírito de Adonai-Yahweh* está sobre *mim*, porque *me* ungiu Yahweh".
B) Os textos trinitários do N.T. são os seguintes: Mateus 3.16-17 (comp. Mc. 1.11; Lc. 3.22); Mateus 28.19 —porção especialmente importante, por quanto a repetição da conjunção "e", como do artigo definido, demostram a real distinção das Pessoas, enquanto o singular "nome" indica a *unidade* de essência—; Atos 2.32-36 "A este *Jesus Deus* ressuscitou... Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do *Pai* a promessa do *Espírito Santo*, derramou isto que vedes e ouvis" —onde podemos ver que o *Filho, exaltado à destra do Pai,* derrama o Espírito Santo, o "envia" (comp. Jo. 15.26), o que não poderia fazer se não fosse tão Deus como o Pai e o Espírito—; 1 Coríntios 12.4-6, onde a cada Pessoa Divina *é atribuída* uma função particular para o bom desenvolvimento da edificação da

Igreja —o "Senhor" do v. 5 se refere claramente ao Filho, como veremos, na Parte II deste Curso—; 2 Coríntios 13.14 é um texto semelhante e mais explicito ainda do que o anterior; Efésios 1.3-14, esta porção, que alguns autores ignoram, admite uma clara divisão —ainda quando se dissimulam alguns versículos: vv. 3-6 aludem ao *Pai*; vv. 7-12, ao *Filho*; vv. 13-14, ao *Espírito*; Efésios 4.4-6 "...um *Espírito...* um só *Senhor*... um só *Deus e Pai*".

A estes textos, para um estudo mais completo sobre o assunto, podem ser acrescentados também os seguintes: Romanos 8.14-17; 15-16; 2 Coríntios 1.21-22; Gálatas 4.4-6; Efésios 10.28-30; 1 Pedro 1.1-2; 4-14; Judas vv. 20-21; 1 João 3.23-24; 4.11-16 (em quanto a 1 João 5.7, M. García Cordero, em sua *"Teología de la Bíblia,* vol. II, pag. 467-B.A.C.," diz o seguinte: "somente aparece nas versões latinas e parece ser uma inserção apologética dos priscilianistas")

1.2. Cada uma destas três Pessoas é Deus "por inteiro"

Para este ponto, assim e também para os 1.3, 1.4 e 1.5, leia as págs. 147-166 do meu livro *"Un Dios en tres Personas*. Como este livro foi escrito em 1974, penso —vinte e um anos depois— que é necessário acrescentar, ou corrigir, o seguinte, até o final desta lição 5:

A) Na página 147, seção "A)", linha 3, depois da referência de Atos 17.28, acrescentar: à luz de Gênesis 2.7 e Lucas 4.38 (Adão, *filho* de Deus).
B) Na página 149 (final ponto 2, e olhando a anotação 19 —ao rodapé—, acrescentar: (ver 1Jo. 2.22-23 —a lógica de João é certeira: "Todo aquele que nega ao Filho, esse não tem o Pai". Certamente, se em Deus não há um *Filho eterno*, também não pode existir um *Pai eterno*, já que os termos *Pai-Filho* estão correlacionados).
C) Na página 156, depois da anotação 22bis, no rodapé, e fazendo referência também à anotação 13 —rodapé da p. 142—, é conveniente acrescentar: A preposição grega "pros", o mesmo aqui que em outros lugares, tem o significado de "de face a".

Por isso depois de ter escrito que "o Verbo estava de face a Deus", isto é, de face ao Pai, João tem grande interesse em dizer imediatamente que esse mesmo Verbo "era Deus", ênfase que é percebido na inversão gramatical que apresenta no original, onde literalmente diz: "e Deus era o Verbo", com o sujeito ao final —segundo indica o artigo— e o predicado ao princípio —sem artigo, já que designa, não à pessoa, senão à natureza—. E quem escreve isso? Um judeu-cristão, monoteísta, como demanda Deuteronômio 6.4. Isto bastaria para refutar aos "Testemunhas", que traduzem: "...era um deus". A diferencia entre João 1.1 e Atos 28.6, a pesar da similitude gramaticar, é evidente, pois os que falam em Atos 28.6 são pagãos e politeístas (comp. Com At. 14.11-18).

D) Na página 159, linha 7, depois de "estragado ou quebrado", se pode acrescentar a seguinte ilustração: Quando uma máquina ou equipamento qualquer estraga, o melhor é leva-lo na autorizada do fabricante.

E) Na página 160, antepenúltima linha, onde no parêntesis está "ruah" é necessário corrigir, substituindo-o por "nishmat" = folego, que é o vocábulo hebraico que consta ali, ainda que seja sinônimo de "ruah".

F) Na página 161, ao final da linha 4, é conveniente acrescentar: como um imã (ver Mt. 6.21 —onde está o tesouro, lá vai o coração).

G) Na página 163, linha 11, além das duas referências (Jo. 1.14; 5.26), acrescentar outras 3 do mesmo Evangelho (Jo. 3.3-8; 4.14; 7.37-39).

H) Na página 165, linha 13 seção "B)", acrescentar, depois da citação de Romanos 8.9; que o Espírito Santo é chamado também *Espírito de Jesus* (At. 16.7) e *Espírito do seu Filho* (Gl. 4.6)

2. Observações sobre o "Filioque"

Sobre o assunto do "Filioque" = "e do Filho", escrevi no meu livro *"Un Dios en tres Personas"*, páginas 163-166 e, sem negar o que escrevi, devo esclarecer e precisar algumas coisas, por ter me aprofundado

mais neste assunto recentemente, pelo Professor de Salamanca Dr. Xabier Pikaza, especialista em Teologia Trinitária, em seu livro que recomendo: *Dios como Espíritu y Persona*.

A teologia tradicional tem sustentado que o Filho, o *Logos*, procede do Pai pela via mental, a do intelecto, enquanto que o Espírito, o *Pnéuma*; procede do Pai e do Filho (lat. a Patre *Filioque*) ou *do Pai pelo Filho* (a Patre *per Filium*), pela via *cordial*, a da vontade. Mas isto não é, talvez, nada mais que uma especulação filosófica, já que a Bíblia não chama ao Verbo "o Filho da *mente*" do Pai, senão "o filho do seu *amor*" (Col. 1.13, lit.).

Orígenes escreveu acertadamente:

> O amor é a Deidade propriamente. Deus é amor. Cristo é o Filho do amor. O Espírito Santo é Espírito de amor. De uma única fonte da Deidade paterna procedem, pela via do amor, o Filho e o Espírito Santo. A abundância do amor que emana do Espírito Santo difunde-se no coração dos santos, com o fim de que os perfeitos participem da natureza divina.

Alguém poderia pensar que, se o Filho é "o Filho do amor" do Pai; Por que necessitamos que haja uma *terceira* Pessoa Divina como "Espírito de amor"? A isto podemos responder certeiramente com as seguintes linhas do Dr. Pikaza:

> Filho é quem recebe o ser do Pai. Mas somente pode se constituir como Filho se acolhe o ser e o devolve, como gesto de contemplação que se explicita em forma de comunhão. Há, por tanto, um *caminho de doação* que vai do Pai ao Filho. Mas ao mesmo tempo, outro *caminho de resposta* que vai do Filho ao Pai. Neste mutuo dom é onde se fundamenta, da forma mais perfeita, a comunhão de essência do Filho com o Pai (o.c. p.55).

Embora Pikaza não cite textos bíblicos a favor das suas afirmações, não é difícil acha-los abundantemente. Por exemplo, Jesus disse em João 5.20: "Porque o Pai *ama* ao Filho, e lhe mostra tudo o que (o Pai) faz". E em João 15.9-10: "Como o Pai *me amou*, também eu vos amei; permanecei no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos,

permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos do meu Pai e *no seu amor* permaneço". Evidentemente, o mandato e Cristo de permanecer no seu amor não quer dizer *no amor que ele tem por nós*, senão *no amor que nós temos que ter por ele* (de outra forma, nossa união justificante seria quebrantada com a comunhão santificante). Uma olhada a 1 João 4.16b basta para confirma-lo (ver também Jo. 17.24b).

Mais um passo e chegamos ao que, na verdade, constitui o núcleo da personalidade, tanto em Deus (no grau perfeito e infinito) como no ser espiritual (anjos e homem —este, na sua perfeição final): É UMA RELAÇÃO *CONSTITUTIVA*, POIS TEM SEU CENTRO E RAZÃO DE SER EM *OUTRO* ("ad alium").

Pikaza diz o seguinte:

> O *Pai* tem sua autoconsciência e realidade fora de si (no Filho); e o *Filho* tem sua autoconsciência e realidade fora de si (no Pai). O *Espírito Santo* ratifica a união dessa dupla autoconsciência em forma de consciência comunitária, naquilo que poderíamos denominar a transferência do eu-você ao "nós" da realidade definitiva. Deus pode ser concebido de esta maneira como o processo fundante da personalidade (o.c., pag. 123).

São muitos os textos em *João* e *1 João* que mostram esta mutua imanência (aquilo que os gregos chamavam *pericoresis* e os latinos *circumincessão*) do Pai e do Filho no Espírito (ver, p. ex. Jo. 14.11; 16.15; 17.10, 21; 1 Jo. 1.3; 2.23; 3.24; 4.13), e conforme 2 Coríntios 13.14, onde há "comunhão" entre, e com as Pessoas Divinas, ali está o Espírito Santo.

Para mim isto tem ainda uma derivação que me ilumina melhor o sentido do grito de angustia do Filho de Deus na Cruz: "Deus meu, Deus meu, a fim de que me desamparaste? " (Mt. 27.46; Mc. 15.34 —nos dois textos, literalmente). Se podemos dizer, com toda razão, que o rompimento da comunhão espiritual entre o Pai e o Filho foi, durante três hora de "eclipse", infinita (pelo que significava na substituição, e porque tudo o que há no interior de Deus é infinito), como poderia ter sido restaurada logo, e inteiramente, se ambos —Pai e Filho— não estivessem perfeita e eternamente ligados entre si pelo Espírito eterno? (Ver Hb. 9.14).

Chegamos assim ao final destas reflexões sobre a estreitíssima união das três Pessoas Divinas pela sua própria constituição pessoal intratrinitária. É assim como podemos agora examinar os pros e os contras do *Filioque*, como o faz Pikaza, no seu livro já mencionado, págs. 196-198, que passo a resumir no ponto que segue.

3. Quais as vantagens e desvantagens da aceitação do Filioque?

A) A aceitação do *Filioque* ("e do Filho") pela Igreja (tanto a romana quanto a reformada) têm duas vantagens: (a) Serve para expressar uma conscientização da Igreja sobre a estreita união das três Pessoas da Deidade; (b) Serve para entender melhor, desde a experiência espiritual do crente, o mistério da imanência intratrinitária. Pikaza diz: "Um Espírito e um Filho que se encontrem desligados entre si e que somente venham a compactuar na raiz comum do Pai, acaba sendo incompreensível".

B) Por outro lado, a atual formula do *Filioque* tem graves inconvenientes: (a') Coloca ao Pai e ao Filho num plano de total igualdade em sua expiração do Espírito, quebrando a exclusiva primariedade "*fontal"* do Pai; (b') culmina numa originalidade apessoal do Espírito, pois parece surgir de uma mesma realidade comum, *essencial*, não estritamente pessoal, de Deus: (c') "suporia submissão do Espírito a Jesus e, consequentemente, a submissão do Espírito ao poder de uma determinada hierarquia eclesiástica (ao papa como vicário de Cristo)" (X. Pikaza, o.c., p. 198).

Consequentemente, e segundo sugeriu P. Eudokimov (citado por Pikaza), o *Filioque* é ortodoxo sempre que seja compensado pelo *Spirituque* correspondente. O Espírito procede do Pai pelo Filho ou *a Patre filioque*; o Filho, por vez, procede *a Patre Spirituque* (do Pai e do Espírito). Outro teólogo russo ortodoxo, S. Verkhovsky, tem apresentado uma solução dialética (síntese das formulas gregas —vertical— e latina —triangular—) do problema do *Filioque*.

"El *a Patre* do começo é completado por meio do *per Filium* e *per Spiritum*, suscitando-se de esta forma um movimento trinitário em duas

direções: (a) Por um lado, passa desde o Pai pelo Filho ao Espírito, para retornar assim para o Pai; (b) na outra mão, vai desde o Pai pelo Espírito para o Filho, retornando ao Pai. A vida de Deus se identifica com esse movimento duplo de pericoresis que vincula às pessoas desde o Pai e com o Pai, realizando desta forma a única essência divina" (citado por Pikaza, o.c. págs. 202-203).

Depois de tamanhas profundidades teológicas, não penso em nada melhor para finalizar esta Lição 5 do que transcrever duas linhas do Kempis que aparecem na 1ª página da sua *Imitação de Cristo*:

> "Que te aproveita discutires sabiamente sobre a Santíssima Trindade, se não és humilde, desagradando, assim, a essa mesma Trindade? "

QUESTIONÁRIO

Perguntas sobre a lição 5

1ª pergunta. Você acha que as reflexões teológicas sobre se o Espírito Santo procede também do Filho têm alguma importância para a vida espiritual do cristão?

2ª pergunta. Depois de ter lido a sábia reflexão de Kempis a favor da humildade, você crê que vale a pena se aprofundar no mistério trinitário?

3ª pergunta. Sobre esta lição, qual referência bíblica ou que reflexão teológica tem lhe fornecido maior proveito espiritual?

LIÇÃO 6

Nossa comunhão no ministério trinitário

I. INTRODUÇÃO

Sobre este assunto, existem 3 posições diferentes:

A) Alguns místicos medievais, como Eckart, chegaram a sustentar uma identificação do tipo panteísta; ao menos, em expressões tão audaciosas como a seguinte: "Sem mim, Deus não poderia nem gerar o Verbo".
B) Num outro extremo temos a autores que negam (K. Barth) ou aparentam negar (L.Sp. Chafer) a analogia do ser; para eles, não é possível nem a imitação da Trina Deidade.
C) Na minha opinião, como ponto médio, está nas seguintes afirmações: (a) É possível a imitação da Trina Deidade nas suas funções intratrinitárias; (b) Sempre a escala humana, em nossa comunhão (ver o original grego de 2 Pe. 1.4) na natureza divina nos introduz na intimidade da Família da Trina Deidade (veja Jo. 14.23) até umas profundezas que somente no Céu poderemos viver e entender.

1. Como se imita ao Pai?

1.1. Proclamando (pronunciando) a Palavra (o Evangelho), com o que, de algum modo, *gera-se* a Cristo nos ouvintes (ver Gl. 4.19) e gera-se aos ouvintes em Cristo (ver 1 Co. 4.15).

1.2. Incitando o Espírito (ver Ef. 5.18-19), com o que se imita a *expiração* conjunta do Pai e do Filho.

1.3. Participando nas *atividades* da Igreja, devido a que as atividades (gr. *energémata*) tem como agente principal a *Deus* (Pai), como podemos ver em 1 Coríntios 12.6.

2. Como se imita ao Filho?

2.1. Na *obediência* até a morte (veja Fp. 2.7-8; Hb. 10.05ss.), em resposta à Palavra do Pai, com que expressa a Sua vontade (ver Mt. 4.4; Lc. 4.4; Jo. 4.34). Podemos dizer, como Jesus, "A minha comida consiste em fazer a vontade do Pai"? Se alimentar, viver, do obedecer a Deus!

2.2. Na sua *humildade*, até o esvaziamento de si mesmo (ver Fl. 2.7-8). Não há forma de ser cheios, se não nos esvaziarmos de nós mesmos ("negue-se a si mesmo") e dependemos em tudo da ação de Deus (este é o verdadeiro sentido de Hc. 2.4 "o justo viverá pela sua fé").

2.3. No seu *ministério* (= serviço, no grego: diakonia —da Igreja, como pode ser visto em 1 Co. 12.5; Gl. 5.13). Como Ele disse, em Mateus 20.28: "...o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para *servir* (para ser útil) e dar sua vida em resgate por muitos". Isso sim e se despir de tudo! (Comp. 2 Co. 12.15). E nós? Somos conformados, egoístas? Ou estamos dispostos a despir-nos pelos nossos irmãos?

3. Como se imita ao Espírito Santo?

3.1. No *amor* com que ele corresponde ao Pai *amante* e ao "Filho do seu *amor*" (Col. 1.13).

3.2. Na *união* que ele efetua de 3 formas:

A) Horizontal no topo intratrinitário, unindo ao Pai e ao Filho.
B) Vertical nos dois sentidos (da Trina Deidade a nós, e de nós à Trina Deidade), unindo às três Pessoas Divinas conosco, e unindo a nós com a Trina Deidade.
C) Horizontal na base, unindo estreitamente aos crentes entre si, como membros de um só Corpo que é a Igreja.

3.3. No uso dos *dons*, como pode ser visto em 1 Coríntios 12.4.

4. O equilíbrio trinitário na Igreja

Como acabamos de ver em 1 Coríntios 12.4-6, aplicado, nos pontos 2, 3 e 4 desta Lição 6, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, à Igreja, à imitação da Trina Deidade (em perfeito *equilíbrio* intratrinitário), só

funciona adequadamente quando há equilíbrio perfeito entre a *atividade* (não ativismo —iniciativa e protagonismo humano), a proclamação da *mensagem* —no *ministério* ortodoxo, competente e preparado, e no *entusiasmo*, não autogerado, senão "inspirado" e fomentado na oração, para ser expressado num testemunho e uma pregação onde o calor e o poder do alto são manifestados. É algo que não se improvisa e que não pode ser substituído por gritos ou gestos, mais acordes com um ator de teatro do que com um ministro de Deus e de uma testemunha do Senhor Jesus Cristo (At. 1.8).

Nisto tudo, não podemos esquecer a dupla vertente do *ministério* e *missão* —os dois elementos complementários da essência da Igreja.

A) Como *ministério*, a Igreja é a congregação dos filhos de Deus que formam um Corpo só, sendo Cristo Cabeça, Esposo e tronco no qual estão enxertados para dar fruto aprazível a Deus Pai; ovelhas de um rebanho só, com Jesus como Bom Pastor. É uma irmandade espiritual em que todos devem prezar pelo bem-estar de cada um. Esse bem-estar inclui *espírito, alma e corpo* de cada irmão e irmã: o espiritual, o moral, o psicológico e o material, pois a *pessoa* é um todo integrado, não apenas um espírito sem corpo, como podemos ver em Lucas 19.10 (*tudo* estava perdido, e tudo necessita salvação); 1 Coríntios 6.19-20 (também nosso *corpo* é templo do Espírito Santo, comprado por preço para glorificar a Deus no *corpo* —os MSS mais antigos não incluem o de "e em vosso espírito"!); 2 Coríntios 5.10 (perante o tribunal de Cristo, receberemos segundo aquilo que tivermos feito *"por meio do corpo"* —lit. e o que pode fazer nosso espírito sem que haja intervenção do nosso corpo? Para conceber a ideia mais sublime, nosso espírito necessita a colaboração do cérebro, que, ao fim e ao cabo, é matéria); 1 Tessalonicenses 5.23 (também o *corpo* deve de ser "preservado irrepreensível" na Vinda do Senhor).

B) Como *missão*, a Igreja é: (a) *sal da terra* (Mt. 5.13), não para regenerar a podridão, senão para preservar da corrupção o que ainda está bom. Estamos preservando ou corrompendo ainda mais? (Ver Ef. 4.29); (b) *luz do mundo* (ver Mt.5.14-16;

Fp. 2.15; Ef. 5.8; 1 Ts. 5.5; 1 Pe. 2.9; 1 Jo. 1.7; 2.10). Emitimos luz, da *luz verdadeira*? (Ver Jo. 1.4-9; 8.12; 9.5; 12.46). Ou por acaso nossas palavras e nosso agir provocam confusão e mais trevas entre as pessoas que nos rodeiam ou nos observam?; (c) *testemunhas do Amor crucificado e ressuscitado* (ver At. 1.8). O amor ama à pessoa *inteira* (veja o que foi mencionado em "A)". Por isso, a Igreja e cada crente devem de procurar o bem de *todos* (a imagem de Deus —Sl. 145-9; Gl. 6.10— perceba as duas esferas: "a todos" —o mais abrangente—; "especialmente aos da família da fé" —o mais íntimo). Cada cristão deve colocar em pratica a parábola do *bom samaritano* (Lc. 10.30-37). Ainda quando o cristianismo não seja um movimento revolucionário, na sua essência — por tratar do homem como a um todo, tem inevitavelmente uma dimensão social. Por esse motivo, não posso me explicar como podem existir pessoas que chamem a si mesmas de cristãs, e inclusive denominações inteiras, que descuidam ou ignoram esta dimensão social do Evangelho (as vezes, não apenas em relação aos de "*fora*" —na esfera mais abrangente—, mas também em relação aos "*da família da fé*"). Por isso, as equivocadas, ou incompletas, interpretações do vocábulo "corpo" —breve no original greto— em 1 Coríntios 11.29. Esquecem todo o contexto, tanto o anterior como o posterior!

No outro extremo chegamos ao que se conhece como *Teologia da libertação*, onde, começando de uma relativização da *libertação* conseguida por Yahweh em favor do seu povo Israel, se chega na conclusão de que os valores materiais da salvação têm certa prioridade sobre os valores espirituais. Não se pode transtornar de maneira imprudente, a correta subordinação dos meios, pelo transtorno na subordinação dos fins. É verdade que o que se salva ou se perde não é a *alma*, senão a *pessoa*, e a substituição da "alma" por "pessoa" nalguns Salmos é somente uma figura de dicção (sinédoque = uma parte pelo todo); porém, não há dúvidas de que, na hierarquia dos elementos integrantes da pessoa, o espiritual fica no topo.

QUESTIONÁRIO

Perguntas sobre a lição 6

1ª pergunta. Insisto novamente nisto. Você acredita que as reflexões sobre a imitação da Trina Deidade podem ser de proveito para a vida espiritual, ou pensa que são apenas arranjos teológicos?

2ª pergunta. O que nos falam, referente à imitação, os textos como João 3.34; Filipenses 2.7-8; Mateus 20.28 e Salmo 145.9, dentre muitos outros?

3ª pergunta. Você é daqueles que pensam que o crente não deve ter contato nenhum com o mundo? Qual é o sentido que você dá ao vocábulo "mundo"? Para dar uma resposta adequada, leia com atenção João 17.9-26.